

O custo da nova classe ociosa

Ives Gandra da Silva Martins

Professor Titular de Direito Econômico
da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie
e Conselheiro do OAB-Seccional de São Paulo.

Em uma sociedade organizada, o povo trabalha e o governo apenas administra o esforço alheio, ofertando segurança pública, defesa contra o inimigo externo e justiça, assim como permitindo condições para que a população possa ter educação e cultura, previdência e assistência social e um sistema capaz de garantir saúde.

Para tais serviços deve o governo receber, por tributos, o necessário para propiciar à população que preencha suas finalidades essenciais, no máximo, interferindo no processo econômico para evitar o abuso do poder correspondente.

A nova classe ociosa, entretanto, descobriu um papel adicional para o Estado, ou seja, o Estado do bem-estar social. Sua finalidade foi a de servir o povo carente e melhorar a condição de vida dos insuficientes. Sua realidade demonstrou, entretanto, que o "slogan" do Estado de Bem-Estar Social se transformou no Estado do bem-estar da classe ociosa. A teoria pretendeu favorecer as classes mais desprovidas. A prática, todavia, favorece apenas a nova classe ociosa.

O preço social do "Welfare State", todavia, prejudica a comunidade, por inteiro, e a classe mais pobre em especial.

Com efeito, a título de oferecer auxílio aos mais pobres e dirigir o processo econômico, mister se faz a criação de estruturas a serem preenchidas por novos integrantes da classe ociosa, a custos muito superiores às reais necessidades.

Como a nova classe ociosa não produz nada, mas retira o que tem dos que produzem, à evidência, o aumento estrutural exige um esforço adicional da comunidade, que deixa de fazer o que bem poderia fazer, em matéria econômica, para destinar seus recursos para que o Estado faça mal o que não sabe fazer, ou seja, ser empresário.

Por outro lado, a verdadeira causa inflacionária, hoje, reside nesta semente de destruição do desenvolvimento econômico. Transferindo a capacidade de revestimento produtivo dos setores privados para a incapacidade de investimento racional do setor público, o custo econômico desta transferência tem que se refletir na geração inflacionária, posto que os empreendimentos estatais, concorrenciais ou monopolísticos, por serem, na maioria das vezes, deficitários, terminam por obrigar a nova classe ociosa, sobre aumentar a carga tributária de forma desmedida, a pressionar o mercado financeiro e a emitir moeda para suprir sua notória incapacidade em ser produtiva.

O desvalor de sua ineficiência transfere-se, pois, para o descontrole da base monetária que deveria administrar e do crédito decorrente capaz de gerar a moeda escritural, em velocidade de circulação tanto maior quanto mais incompetente seja a nova classe ociosa.

Desta forma, o principal tipo de inflação é a inflação gerada pela nova classe ociosa, que é a oficial. As demais (de demanda, de custos, importada, do estado, do bem estar etc.) são inflações consequenciais daquela que onera a comunidade por inteiro.

A economia da nova classe ociosa, portanto, é uma economia dirigida por poucos, em detrimento de muitos, embora os anúncios públicos levem a acreditar que seja dirigida ao bem de todos.

A nova classe ociosa, em matéria econômica, por outro lado, não erra, principalmente quando erra muito. Os seus erros não são seus, mas da classe não ociosa. Os acertos da classe não ociosa não são da classe não ociosa, mas da classe ociosa.

Se um ministro da Fazenda anuncia de um mês que a inflação correspondente será superior a que vier se confirmar, sua afirmação gerará nível elevado de especulação, causando sensíveis danos à economia. A ocorrência de inflação menor, que demonstra a grosseira avaliação ministerial, todavia, é capitalizada pela nova classe ociosa, não como demonstração de incompetência, mas de correta administração dos interesses da comunidade. A inflação que poderia ter sido ainda

menor, se não fosse o erro evidente da inépcia ministerial, é capitalizada, nos seus patamares inferiores ao prenunciado, como vitória da nova classe ociosa. Não é, pois, diferente essa técnica daquela utilizada por Orwell, em seu "1984", em que as programações não atingidas, passavam a ser superadas pela mera manipulação dos arquivos, retirando-se os dados anteriormente projetados e substituindo-os por dados inferiores aos obtidos.

Como a nova classe ociosa é sustentada pela classe não ociosa, à evidência, quando maior e mais ineficiente for, tanto mais onerará quem trabalha, estando neste peso sobre a comunidade, a origem dos grandes descompassos econômicos, sociais e políticos da atualidade. Isto porque a economia mal administrada e a capacidade da sociedade reduzida, pela transferência de recursos para o setor improdutivo, termina por gerar crises sociais e políticas em decorrência.

Por outro lado, a inflação permanente que produz a nova classe ociosa, constituída de governantes e políticos, no momento em que sofre processo de aceleração, passa a exigir técnicas de combate, sempre recessivas. O problema é que a recessão acaba por incidir apenas sobre a classe não ociosa, que, sobre sustentar aquela, sofre ainda os impactos negativos do combate à inflação pelos governantes gerada.

Não tivesse se multiplicado a nova classe ociosa, pela mentalidade do Estado do Bem-Estar Social, a inflação não seria o drama da atualidade e a recessão poderia ser perfeita-

mente administrável por técnicas conhecidas pela classe não-ociosa.

O certo é que por não estar a nova classe ociosa interessada em resultados comunitários, mas apenas em seus auto-resultados, faz com que o custo de sua manutenção, suportado pela classe não-ociosa, cresça permanentemente. E, pois, fundamental que a classe não-ociosa, constituída por trabalhadores e empresários, una-se para combater o desperdício e a incompetência da classe ociosa, origem de todos os males econômicos, políticos e sociais do momento.

AMANHÃ

Uma "torre de marfim", o símbolo do poder inatingível, é como os paranaenses chamam seu Palácio da Justiça, envolto em lendas que falam de marajás, nepotismo e desperdício. Por aqui a série termina. Só a série, porque o clientelismo e a corrupção continuam, pagos por nós.